

Estado da publicação: O preprint foi submetido para publicação em um periódico

À ESQUERDA DO MUNDO, À DIREITA DE DEUS: EVANGÉLICOS EM MOVIMENTO DE MORADIA NA OCUPAÇÃO FIDEL CASTRO, UBERLÂNDIA-MG

Julia Pires

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9787>

Submetido em: 2024-09-09

Postado em: 2024-09-10 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

À ESQUERDA DO MUNDO, À DIREITA DE DEUS: EVANGÉLICOS EM MOVIMENTO DE MORADIA NA OCUPAÇÃO FIDEL CASTRO, UBERLÂNDIA-MG

PIRES, JULIA CABRAL

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2321-7523>

<julia.pires@ufu.br>

Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, MG, Brasil

RESUMO: Os movimentos de luta por amplificação dos direitos, entre eles o direito à moradia, marcam a transição democrática brasileira dos anos 1980 e têm grande impacto nas relações estabelecidas nas cidades brasileiras, em especial nas grandes metrópoles, onde a questão da moradia é atravessada por uma intensa disputa comercial de especulação imobiliária que precariza as condições de vivência dos ocupantes urbanos e dá luz as disputas daqueles que almejam moradia digna e melhores condições nas cidades. Em vistas disso, o presente artigo busca entender as dinâmicas existentes entre os movimentos sociais por moradia, em especial o MTST em Uberlândia-MG, e os fiéis evangélicos, analisando como o pentecostalismo elabora e reelabora a vivência dos ocupantes nesse espaço. Desde os anos 1990, com a ascensão dos grupos pentecostais nos espaços urbanos, novas dinâmicas sociais emergiram, redefinindo esses lugares que passam a se configurar a partir de outras maneiras e se constroem com e a partir desses novos atores, mas de que forma isso ocorre? Quais interesses estão em jogo? A pesquisa, ainda em andamento, inclui a aplicação de Survey para mapear características dos ocupantes, como renda, saúde, educação e preferências políticas, observação-participante na ocupação durante o ano de 2024 e realização de entrevistas semiestruturadas recortando apenas evangélicos. Os dados provisórios revelam que 45% dos ocupantes são evangélicos, 65% dos respondentes não possuem preferência partidária e há uma significativa taxa de não votantes, mesmo em um movimento social ligado a um partido político (PSOL).

Palavras-chave: evangélicos, movimentos sociais, conflitos urbanos, periferias, antropologia da religião

TO THE LEFT OF THE WORLD, TO THE RIGHT OF GOD: EVANGELICALS IN THE HOUSING MOVEMENT IN THE FIDEL CASTRO OCCUPATION, UBERLÂNDIA-MG

ABSTRACT: The movements fighting to expand rights, including the right to housing, marked Brazil's democratic transition in the 1980s and had a major impact on the relationships established in Brazilian cities, especially in the large metropolises, where the issue of housing is crossed by an intense commercial dispute over real estate speculation that makes the living conditions of urban occupants precarious and gives rise to disputes among those who want decent housing and better conditions in the cities. In view of this, this article seeks to understand the dynamics between social movements for housing, especially the MTST in Uberlândia-MG, and the evangelical faithful, analyzing how Pentecostalism elaborates and re-elaborates the experience of the occupants in this space. Since the 1990s, with the rise of pentecostal groups in urban spaces, new social dynamics have emerged,

redefining these places that are now configured based on other ways and are built with and from these new actors, but how does this happen? What interests are at stake? The research, which is still in progress, includes a survey to map the characteristics of the occupants, such as income, health, education and political preferences, participant observation in the occupation during the year 2024 and semi-structured interviews with only evangelicals. The provisional data shows that 45% of the occupiers are evangelicals, 65% of the respondents have no party preference and there is a significant rate of non-voters, even in a social movement linked to a political party (PSOL).

Keywords: evangelicals, social movement, urban conflicts, outskirts, anthropology of religion

1. INTRODUÇÃO

Nos anos 1970 seria difícil pensar em estudos de urbanidades e religião sem que a hegemonia dos grupos católicos não fosse observada. Ainda que outras frações de fiéis já estivessem colocadas em variados contextos, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹ mais de 90% da população brasileira se reconhecia católica. Enquanto isso, os evangélicos² não chegavam aos dois dígitos, representando um percentual de 5,2% da população nacional.

Hoje, no entanto, esse panorama se encontra em um momento diferente, com mudanças substanciais nas preferências dos fiéis brasileiros. Os católicos continuam a ser o grupo com maior número de adeptos, mas o encolhimento de 12%, que corresponde a 1,7 milhão de pessoas, é atravessado por um crescimento de quase 20% dos evangélicos. Isso em parte pode ser explicado pela análise de Feltran (2008) que nos aponta como os quadros de referências que estavam desenhados desde os anos 1960 foram alterados a partir da década de 1990: o horizonte do emprego fordista se modifica, o mundo do crime se afirma como opção possível para os jovens, a Teologia da Libertação perde espaço e igrejas pentecostais se proliferam por todo país. Essa identificação permitiu a ampliação de pesquisas sobre esse grupo religioso em expansão, incluindo o presente trabalho que integra o emergente campo de estudos sobre as interfaces entre as agências de governo dos indivíduos, que atravessam as políticas públicas, os Estados, os movimentos sociais, a religião e o mundo do crime no âmbito das periferias das cidades brasileiras.

¹ FONTE — Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Tabela extraída de: Anuário estatístico do Brasil 1973. Rio de Janeiro: IBGE, v.34, 1973.

² O termo evangélico aqui se refere a todos os grupos que englobam o espectro religioso: protestantes históricos, pentecostais e neopentecostais. Evangélico é utilizado para se referir de maneira mais geral (segundo o critério utilizado pelo IBGE, que engloba na mensuração todas as subcategorias). Durante a pesquisa, sempre que a referência for a uma dissidência específica entre os evangélicos, as terminologias mais precisas serão reivindicadas (pentecostais, neopentecostais etc.). Quando tratarmos de maneira mais geral, o termo evangélico será utilizado.

Diante dessas novas dinâmicas religiosas em jogo, chamada de transição religiosa por Nicolau (2020), muitas indagações de ordem teórica são postas em campo. Entre elas, nos interessa as relações que se dão entre esses novos atores e os movimentos sociais, buscando analisar como os evangélicos ocupantes desses espaços de luta por moradia se colocam enquanto detentores de valores, ideais políticos, de fé e militância. Pretende-se interrogar sobre as tensões e afinidades que se estabelecem hoje entre política e religião, trazendo novos dados e interpretações para o debate atual sobre as periferias no Brasil, em particular para o cenário real de Uberlândia-MG. Isso porque com a crescente desse grupo a partir dos anos 1990, a ideia do evangélico conservador como tipo ideal (Weber, 2004) é apresentada como motor político importante, seja pela expressiva presença desses evangélicos no Congresso brasileiro, principalmente dentro da ‘Bancada da Bíblia’, ou pela forte presença midiática³ de líderes de grandes congregações que se afirmam politicamente com discursos conservadores e delimitam as possibilidades políticas e as ideias que esses fiéis devem seguir. No entanto, a afirmação de um chamado ‘voto evangélico’ pode ser perigosa. A própria ‘Bancada da Bíblia’, que na realidade é uma Frente Parlamentar Evangélica, não é homogênea. A composição de 2022, de acordo com dados do Congresso Nacional, era de 104 parlamentares bolsonaristas, 22 lulistas e 76 independentes. Ainda que nosso tema de interesse não seja a questão dos fiéis nas instituições, esses dados podem nos direcionar a outros entendimentos e possibilidades de pesquisas, do que aquele decretado, não só por essas lideranças que se afirmam conservadoras, mas também por pesquisas que confirmam essa hipótese de uma ‘onda evangélica conservadora’. Outro problema na certeza de uma identidade evangélica conservadora é que essa afirmação reduz o voto e participação política desse grupo quase a um voto de cabresto, guardadas as devidas proporções. Mas os dados eleitorais nos dão outros indicativos. A ex-presidenta Dilma Rousseff (PT-MG) eleita em duas oportunidades (2010 e 2014) foi a preferência entre os evangélicos nas duas vezes em que venceu o pleito contra o tucano Aécio Neves (PSDB-MG). Nunca houve uma preferência evangélica avassaladora por um candidato de direita⁴ a

³ A partir dos anos 1990 há uma explosão neopentecostal no Brasil em grande medida influenciada pelos Estados Unidos. A Igreja Universal do Reino de Deus, liderada pelo bispo Edir Macedo, e suas dissidências, a Igreja Internacional da Graça de Deus, do bispo R. R. Soares, e a Igreja Mundial do Poder de Deus, do pastor Valdemiro Santiago são as principais referências desse movimento, marcado em grande medida pela presença de líderes carismáticos. Em grande medida, essas são as igrejas que mais incorporam posicionamentos políticos explícitos e conservadores, sendo necessário então fazer uma ampla cobertura histórica para diferenciar pentecostais e neopentecostais.

⁴ Jair Bolsonaro (PL) que venceu seu primeiro pleito em 2018 contou com o apoio de 37,36% do público evangélico eleitoral, contra 21,33% do mesmo grupo apoiando Fernando Haddad (PT), o que não é uma variação relativa significativa, ou seja, não é considerada avassaladora. Em 2022 na tentativa sem sucesso de reeleição, ele foi novamente preferência entre os evangélicos, mas teve uma queda nessa preferência.

presidência, mas esse discurso foi tão sistematicamente utilizado que se apresenta como narrativa de campanha de alguns candidatos e partidos

Outro ponto de embate frente à certeza de uma identidade evangélica conservadora são os coletivos evangélicos de esquerda no Brasil, que têm reivindicado um espaço de poder e autonomia frente aos discursos conservadores pleiteados por algumas lideranças. Entre eles podemos destacar alguns mencionados em matéria jornalística elaborada pela Carta Capital: Frente Evangélica Pelo Estado Democrático de Direito, Evangélicas pela Igualdade de Gênero, Feministas Cristãs, Movimento Negro Evangélico, Frente Evangélica Pela Legalização do Aborto, Rede Fale, Evangélicxs, Coalizão de Evangélicos pelo Clima, Rede de Negras Evangélicas, Cristãos Contra o Fascismo, Coletivo Vozes Marias, Movimento Social de Mulheres Evangélicas do Brasil, Coalizão de Evangélicos Contra o Bolsonaro, além de evangélicos e evangélicas que estão e são lideranças nos movimentos urbanos de moradia (Onde estão os evangélicos? CARTA CAPITAL, 2021). Frente a tudo isso, é possível definir um espectro político conservador como marca desse grupo? Um ‘sim’ bastaria para fechar o debate sobre política e religião no cenário atual?

Seja como for, parte das Ciências Sociais e da sociedade têm se colocado a pensar sobre os grupos pentecostais de maneira pouco preocupada, ecoando jargões de “fascistas”, “conservadores”, “evangelistão”, para se referir aos evangélicos e suas práticas, ou ainda por uma outra frente tão ruim quanto, afirmando que essas pessoas são manipuladas e enganadas por pastores “charlatões”, e que servem como “massa de manobra” aos interesses institucionais da religião. Esse cenário de desinteresse, coitadismo ou aversão tem historicamente afastado o campo evangélico da esquerda brasileira. Importantes autores brasileiros já vem se atentando desde meados dos anos 2000 para a emergência desse grupo religioso e se disposto a discutir de maneira mais elaborada como esse contingente é sim heterogêneo, complexo e multifacetado e não estritamente conservador como pensamos muitas vezes.

Trabuco (2016) diz que há muito, grupos tanto ligados à direita quanto à esquerda brasileira, tentam emplacar o discurso de uma identidade evangélica conservadora. No caso da direita, numa tentativa de solidificar um campo político para angariar eleitores fiéis e construir uma base sólida, e pelo lado mais progressista pela pouca capacidade que as lideranças de esquerda tiveram desde a emergência pentecostal em fixar suas bases, que estavam mais aliadas a Teologia da Libertação e a grupos católicos, e deixou de lado uma fração populacional que cresceu de forma avassaladora nos

últimos vinte anos no Brasil, principalmente nas grandes periferias. Seja por quais motivos forem, essa identidade evangélica “sempre escapou pelos dedos daqueles que tentavam definir”.

Aqui, não se trata de comprovar que na realidade os evangélicos são de esquerda e romper com o status quo vigente sobre esse grupo criando sua antítese. É na realidade a tentativa de demonstrar que ambas as ideologias e até a falta de uma preferência partidária, coexistem nesse grupo, mesmo num espaço marcado pelo discurso político da esquerda como é o caso de uma ocupação por moradia. É identificar a partir de uma bibliografia interessada em entender as dinâmicas e agências desses indivíduos, as suas próprias concepções de mundo e como eles elaboram essas questões em seus cotidianos, assim como tentar perceber em suas práticas as contradições dos discursos e os interesses ali em jogo.

Todas essas dúvidas de pesquisa me levaram ao outro lado da mesa, mais propriamente a ocupação urbana Fidel Castro. Localizada na Zona Leste de Uberlândia, nas proximidades do Parque do Sabiá, a ocupação é uma das unidades do Movimento dos(as) Trabalhadores(as) Sem-Teto, fundado no final dos anos 1990 no estado de São Paulo com a bandeira de garantir o direito constitucional à moradia digna

por meio da organização das trabalhadoras e trabalhadores urbanos mais pobres e precarizados, a partir do local em que vivem: as periferias das cidades brasileiras. E não apenas levantando ocupações, mas acolhendo e fortalecendo politicamente os indivíduos, lutando por uma reforma completa e real, que priorize aqueles que, sistematicamente, ficam à margem da sociedade. Assim, resistindo, ocupando a vida, e defendendo o direito à cidade. (MTST)

O movimento se pauta principalmente pelos seguintes artigos da CF 88:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

Art. 7º São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social:

IV – Salário-mínimo, fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender às suas necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo, sendo vedada sua vinculação para qualquer fim.

Art. 23 É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:

IX – Promover programas de construção de moradias e a melhoria das condições habitacionais e de saneamento básico.

Ao longo do trabalho, pretende-se sistematizar a partir de uma bibliografia já consolidada sobre Movimentos Sociais, as características marcantes e mais importantes sobre o Movimento dos(as) Trabalhadores(as) Sem-Teto, sem construir novas formulações práticas e teóricas, apenas se apoiar na

temática dos movimentos, visto que nosso objeto de estudo se encontra em um campo muito próximo, e que nos levam em conjunto a questão religiosa as seguintes indagações: É possível ser um evangélico ocupante sem se pautar pelos valores do Movimento que coordena a ocupação? Como é ser um evangélico ocupante de um lugar marcado pelo estigma e pelo preconceito social? A vivência teológica influencia na forma com que esses fiéis veem o Movimento? Esses evangélicos votam de acordo com as outras camadas evangélicas da sociedade? Esses fiéis têm aspirações progressistas? É possível demarcar um ‘grupo evangélico ocupante’ ou eles também representam variados interesses e diferentes concepções políticas? Esses evangélicos têm alguma participação política dentro do Movimento? E por fim, o Movimento por sua vez está deslocado e afastado desses discursos religiosos ou também é atravessado e influenciado por eles?

2. PESQUISA DE CAMPO E APLICAÇÃO DE *SURVEY*

Durante o ano de 2023 desenvolvi observações em campo de maneira contínua na Ocupação Fidel Castro (MTST) junto ao grupo de pesquisa Travessias. Com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) que me concedeu uma bolsa de pesquisa (à época da graduação), iniciei o que seria posteriormente essa pesquisa, vinculada hoje ao mestrado. Naquele período não havia ainda formulações de ordem teórica que me levassem a pensar sobre a questão evangélica, apenas o desejo em me vincular ao grupo de pesquisas e o interesse mais geral em questões urbanas. O campo na realidade é que me levou enfim aos evangélicos ocupantes. Isso porque, ainda que algumas pesquisas dos outros integrantes do Travessias estivessem alinhadas à temática religiosa, foi somente a partir do contato direto com meus interlocutores que despertei o anseio em entender algumas dinâmicas ali colocadas que envolviam a religião e o movimento social.

Quando iniciei as idas a ocupação, o objetivo maior era a aplicação de um Survey⁵ com aspectos múltiplos (renda, educação, religião, saúde e política), com a intenção de colher informações quantitativas sobre o assentamento e direcionar dados para as nossas pesquisas. Já durante a aplicação do Survey as primeiras questões de pesquisas se colocaram diante de mim. Para algumas áreas ou pesquisadores, a aplicação de um questionário pode ser simplesmente uma forma técnica e dura que acompanha a pesquisa. Não nesse caso.

⁵ No que se refere ao questionário, ele foi sistematizado com 61 questões. A estimativa populacional do assentamento é de 5.000 pessoas distribuídas em 700 famílias, contudo esses dados são imprecisos em decorrência da não verificação por parte da prefeitura da cidade. Os dados são de acordo com informações das lideranças. O Survey contemplou um percentual de 30% (205 respostas) dessas famílias, considerando que nos utilizamos do mesmo critério do IBGE em aceitar uma única resposta por casa. A amostragem utilizada foi a aleatória simples.

Fiquei responsável pela aplicação na Rua Nelson Mandela, a primeira que se formou na ocupação. Nessa rua estão, em sua maioria, os moradores mais antigos da Fidel Castro, que datam de 5 a 7 anos, justamente o período em que o movimento se assentou no terreno. Ali, numa das primeiras casas em que fui atendida, em meio ao sol do meio da tarde de agosto, me deparei com um ator social muito interessante, Israel⁶. Como de costume, me apresentei a ele e expliquei meu objetivo com a visita. Ele prontamente concordou em responder as questões do Survey. Ao questioná-lo sobre sua preferência partidária, referente a uma das questões estruturadas, o respondente se mostrou hesitante, comentando que era complicado falar sobre essas questões ali, que outras pessoas não aceitariam sua posição e me contou também de conflitos que vinha traçando com lideranças do movimento já algum tempo. De fato, ele não me revelou com palavras objetivas uma posição partidária ou preferência política, mas conversando por longos minutos foi possível captar algumas impressões que me levaram a concluir que ele não estava alinhado com o movimento e tão pouco com a forma de atuação das lideranças, e inclusive tinha pontos de desconfiança muito fortes.

Esse caso inicial me levou, em conjunto ao que estávamos trabalhando internamente dentro do grupo a pensar: O que leva alguém a ocupar? Quais as razões, sejam econômicas, simbólicas ou de outra ordem são levadas em consideração por quem decide estar dentro de uma ocupação por moradia?

Em um pequeno compilado sobre a questão dos sem-teto Boulos (2012) formula as ideias principais dos motivos das ocupações urbanas existirem e como atuam. De fato, o material traz elementos importantes referentes aos problemas das metrópoles brasileiras, como a crise habitacional decorrente da formação elitizada das cidades, o déficit habitacional que atinge uma porcentagem significativa da população, a falta de emprego digno que se entrelaça a aluguéis caros e de difícil manutenção, que combinados resultam na precarização da vida, o que indigna e dá luz a movimentos urbanos como o próprio MTST. Nada disso é inverdade. Pelo contrário, a questão habitacional é uma trágica realidade e que merece toda atenção e atuação urgente, pelas diversas vias possíveis. Mas esses parecem ser os motivos pelos quais o movimento enquanto instituição atua, a forma como o MTST em sua política e visão se organiza, não os motivos que levam os ocupantes (ou parte deles) a estarem ali. Assim, nossa questão continua sendo: Por que as pessoas ocupam? Entendo que há uma

⁶ Como toda pesquisa que se pauta pelos princípios éticos e legais e responde às normas que estabelecem o anonimato dos participantes, aqui todos os nomes mencionados são fictícios e inventados pela pesquisadora. A única coisa comum entre todos eles, é que são nomes extraídos da bíblia cristã.

dissidência entre a maneira como o movimento enxerga esses assentamentos, e outra como os ocupantes pensam.

Poderíamos imaginar, partindo de um raciocínio “óbvio” que todos os moradores de assentamento são militantes da causa habitacional, engajados nas propostas e adeptos dos discursos que orientam a comunidade assentada, que estariam segundo o que consta na página oficial do movimento “[...] à frente das principais mobilizações sociais da esfera *progressista* no Brasil nos últimos anos”. Mas será que essa é realmente a realidade das coisas? Aqui não se discute a natureza progressista e revolucionária do movimento social, mas sim a de uma fração de seus integrantes. Não seria necessário nesse caso pensar somente nos evangélicos. Qualquer subgrupo ocupante e poderia ser objeto de pesquisa referente às dinâmicas existentes dentro do espaço do movimento e dos conflitos estabelecidos por assim dizer. A escolha pelos evangélicos apenas representa um interesse maior da pesquisadora, no que pode ser resumido pela argumentação de Weber:

Não existe qualquer análise científica ‘objetividade’ da vida cultural, ou das ‘manifestações sociais’, que seja independente de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais estas manifestações possam ser, explícita ou implicitamente, consciente e inconsciente, selecionadas, para se tomarem no objeto da investigação, ou analisadas e organizadas relativamente ao exposto. A razão para tal deve-se ao caráter particular do objetivo do conhecimento de qualquer trabalho das ciências sociais, enquanto estas se propõem ir além de um estudo, meramente formal, das normas – legais ou convencionais – da convivência social (2003: p. 29).

3. RESULTADOS DO *SURVEY*

Com o intuito de resolver, mesmo que parcialmente algumas das questões destacadas, indico alguns resultados de pesquisa obtidos a partir da aplicação do questionário. É importante destacar que o Survey ainda está em fase de tabulação e análise, portanto, temos aqui dados provisórios que muito provavelmente sofrerão ajustes adequados na versão final da dissertação. Ainda assim, já temos alguns indicativos interessantes.

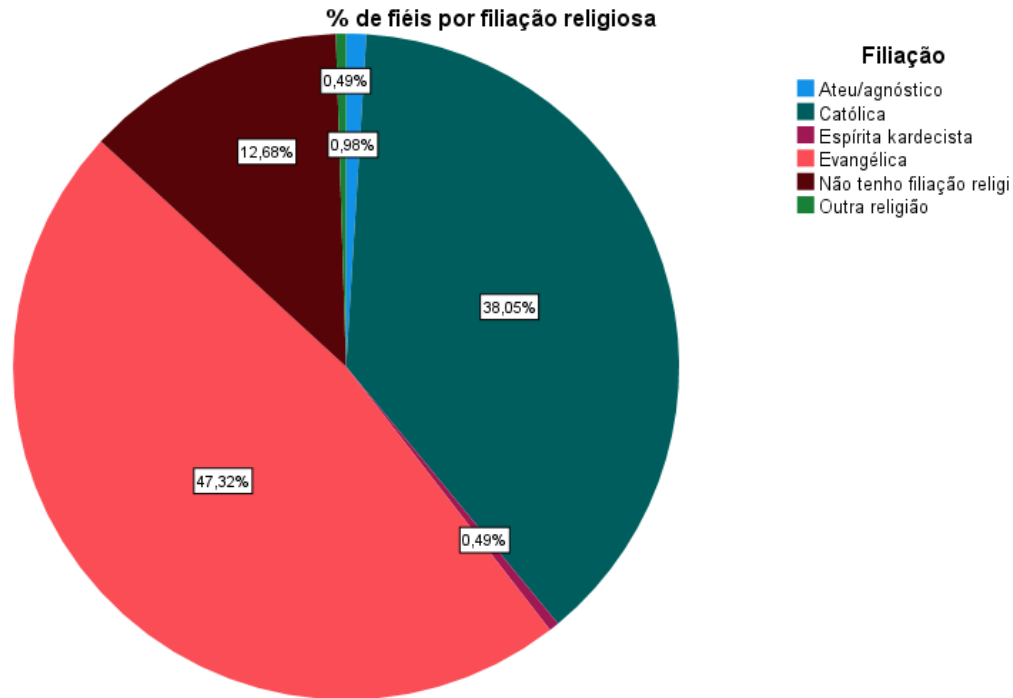
No que se refere a filiação religiosa, os católicos são divididos em três subcategorias pelo IBGE⁷: Igreja Católica Apostólica Romana que detém o maior número de fiéis (uma porcentagem equivalente a 99,44%); Igreja Apostólica Brasileira (0,45%) e a Igreja Católica Ortodoxa (0,11%), que somadas representam 64,99% da população nacional. No caso em particular do assentamento em Uberlândia, os católicos foram englobados numa única categoria e representam um total de 38,05% dos ocupantes, como mostra o gráfico abaixo. Uma hipótese para essa diferença substancial (quase

⁷ É importante dizer que os dados referentes filiação religiosa correspondem as amostragens de 2010, último ano com dados atualizados sobre religião, visto que o último Censo (2022), ainda não tem dados disponíveis. Os aspectos de raça/cor; gênero e renda já apresentam dados atualizados de 2022, por isso estão sendo utilizados na pesquisa.

30%) em relação ao Censo é a desatualização dos dados do IBGE relativos à religião, que devem, de acordo com as projeções, indicar uma queda no percentual de católicos em 2022. Por outro lado, os evangélicos representam 47,32% da preferência dos fiéis na ocupação, ultrapassando os católicos, o que não acontece no Brasil, pelo menos não ainda. Esse dado inicial já nos leva a algumas considerações.

Os movimentos sociais, em especial o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), estão historicamente vinculados a Teologia da Libertação, que teve forte presença entre os anos 1950 e 1960, quando se consolidou na América Latina muito em função das lutas que emergiram nesses períodos, como a própria Revolução Cubana de 1959, que impulsionou a reivindicação pelos direitos dos povos subalternizados num contexto pós-colonial americano, num momento que os países, incluindo o Brasil, já se encontravam no processo de industrialização e conseqüente deslocamento populacional das zonas rurais para as novas cidades. Como o processo de industrialização não esteve vinculado aos interesses dos mais pobres, e sim do enriquecimento dos grandes industriais, muitas revoltas populares aconteceram. Apesar do contexto histórico que favoreceu a base de entrada entre esses movimentos sociais e parte da Igreja Católica, esses quadros de referência se alteram e com isso as dinâmicas sociais também, como mencionado por Feltran (2008).

Figura 1



Fonte: Elaboração própria via Survey aplicado.

Outra variável relevante apontada pelo Survey se refere aos aspectos de cor/raça. Na contramão dos dados do IBGE (2022), que apresenta uma população parda de 45,3% e uma população branca de 43,5% respectivamente, ou seja, valores muito aproximados em nível nacional, dentro da ocupação Fidel Castro, as pessoas que se declaram brancas representam apenas 9,8% das 205 respostas. E ainda, enquanto a autodefinição ‘pretos’ aparece em terceiro lugar com 10,2%, dentro do assentamento esse percentual representa quase três vezes mais, com 27,8% do total. Isso pode ser explicado pela faixa de renda dos ocupantes, que estão alocados em sua maioria nas faixas mais baixas, como demonstra a Tabela 2. No caso do Brasil, o IBGE aponta para uma maior concentração de pretos e pardos nas faixas mais baixas também. Em Minas Gerais o percentual de pretos e pardos entre os 10% da população com menos rendimentos está em 74,1% somados, onde 9,7% são pretos e 69,4% são pardos. Dentro da ocupação, do total absoluto, brancos representam apenas 9,8% da população, enquanto pretos são 27,8% e pardos 60,0%. Ou seja, de modo geral, ainda que a porcentagem de pretos seja maior do que nos dados nacionais, pretos e pardos representam o maior contingente populacional da população, que é majoritariamente empobrecida.

Tabela 1

Tabulação cruzada Filiação Religiosa * COR/RAÇA

FILIAÇÃO RELIGIOSA	COR/RAÇA						Total
	Amarela/A siática	Branca	Indígena	Parda	Prefiro não me classifica	Preta	
Ateu/agnóstico	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	2 100,0%	0 0,0%	0 0,0%	2 100,0%
Católica	1 1,3%	12 15,4%	1 1,3%	48 61,5%	0 0,0%	16 20,5%	78 100,0%
Espírita kardecista	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	1 100,0%	0 0,0%	0 0,0%	1 100,0%
Evangélica	0 0,0%	5 5,2%	1 1,0%	55 56,7%	1 1,0%	35 36,1%	97 100,0%
Não tenho filiação religi	0 0,0%	2 7,7%	1 3,8%	17 65,4%	0 0,0%	6 23,1%	26 100,0%
Outra religião	0 0,0%	1 100,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	1 100,0%
Total	1 0,5%	20 9,8%	3 1,5%	123 60,0%	1 0,5%	57 27,8%	205 100,0%

Fonte: Elaboração própria via Survey aplicado.

Tabela 2

Tabulação cruzada Filiação Religiosa * Faixa de renda

	Faixa de renda						Não sei	Não tenho renda individual	Total
	até R\$ 651 (0,5 SM)	de R\$ 651,01 (0,5SM) até R\$ 1.320 (1SM)	de R\$ 1.321 a R\$ 2.650 (1SM a 2SM)	de R\$ 2.650,01 a R\$ 3.636 (2SM a 3SM)	de R\$ 3.636,01 a R\$ 5.280 (3SM a 4 SM)	de R\$ 5.280,01 a R\$ 6.600 (4SM a 5 SM)			
Ateu/agnóstico	0 0,0%	0 0,0%	1 50,0%	1 50,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	2 100,0%
Católica	5 6,4%	27 34,6%	29 37,2%	1 1,3%	1 1,3%	1 1,3%	1 1,3%	13 16,7%	78 100,0%
Espírita kardecista	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	1 100,0%	1 100,0%
Evangélica	16 16,5%	22 22,7%	33 34,0%	4 4,1%	0 0,0%	0 0,0%	3 3,1%	19 19,6%	97 100,0%
Não tenho filiação religi	4 15,4%	8 30,8%	8 30,8%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	6 23,1%	26 100,0%
Outra religião	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	1 100,0%	1 100,0%
Total	25 12,2%	57 27,8%	71 34,6%	6 2,9%	1 0,5%	1 0,5%	4 2,0%	40 19,5%	205 100,0%

Fonte: Elaboração própria via Survey aplicado.

Tabela 3

	Feminino	Masculino	Total
Ateu/agnóstico	0	2	2
	0,0%	100,0%	100,0%
Católica	35	43	78
	44,9%	55,1%	100,0%
Espírita kardecista	1	0	1
	100,0%	0,0%	100,0%
Evangélica	56	41	97
	57,7%	42,3%	100,0%
Não tenho filiação religi	15	11	26
	57,7%	42,3%	100,0%
Outra religião	1	0	1
	100,0%	0,0%	100,0%
Total	108	97	205
	52,7%	47,3%	100,0%

Fonte: Elaboração própria via Survey aplicado.

No que se refere ao gênero, a tabela 3 nos mostra como há uma prevalência das mulheres (57,7%) evangélicas em relação aos homens (42,3%), enquanto entre católicos, esses números se invertem, com uma preferência maior entre os homens. E isso reflete o Brasil, ainda mais quando fazemos o cruzamento de cor/raça. Em matéria jornalística da Folha de São Paulo intitulada “*Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha*” com base numa pesquisa Datafolha⁸ de 2019, observou-se que as mulheres representam 58% do total de evangélicos no Brasil, um valor muito aproximado o que encontramos dentro da ocupação. Pardos e negros somados são 59% dos fiéis evangélicos pela Datafolha, mas dentro do assentamento essa porcentagem está em 92,8%, ou seja, quase todos os evangélicos se declaram negros ou pardos, e isso pode ser explicado pelas faixas de renda mais baixas que essas pessoas ocupam, que apresenta uma prevalência maior de pretos e pardos.

⁸ Fonte: Pesquisa Datafolha com 2.948 entrevistas realizadas em 176 municípios de todo o país em 5 e 6 de dezembro; margem de erro de 2 pontos percentuais para mais ou para menos e nível de confiança de 95%.

Tabela 4

	Não tenho preferência partidária	Preferência Partidária				Total
		PL	PSOL	PT	UNIÃO BRASIL	
Ateu/agnóstico	1	0	0	1	0	2
	50,0%	0,0%	0,0%	50,0%	0,0%	100%
Católica	46	2	0	30	0	78
	59,0%	2,6%	0,0%	38,5%	0,0%	100%
Espírita kardecista	0	0	0	1	0	1
	0,0%	0,0%	0,0%	100%	0,0%	100%
Evangélica	69	1	2	24	1	97
	71,1%	1,0%	2,1%	24,7%	1,0%	100%
Não tenho filiação religi	21	0	0	5	0	26
	80,8%	0,0%	0,0%	19,2%	0,0%	100%
Outra religião	1	0	0	0	0	1
	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100%
Total	138	3	2	61	1	205
	67,3%	1,5%	1,0%	29,8%	0,5%	100%

Fonte: Elaboração própria via Survey aplicado.

A tabela acima concentra variáveis importantes em relação ao debate político porque faz o cruzamento da filiação religiosa com a preferência partidária dos assentados. Esses dados não revelam ainda percentuais referentes a votação nas eleições presidenciais de 2022, pois estes serão objeto de análise em momento posterior. Mas no que se refere a filiação x preferência partidária, o que fica mais evidente é a não preferência entre todos os grupos religiosos e não religiosos, confirmando uma hipótese de pesquisa inicial, que ainda será testada, mas que aponta que o discurso sistemático e exaustivo entre Direita e Esquerda talvez nem faça sentido para as pessoas, e que elas votam interessadas em outros porquês, antes de estarem relacionadas a uma ideologia política bem delimitada. Ainda que entre evangélicos e católicos o Partido dos Trabalhadores tenha uma entrada maior (24,7% e 38,5% respectivamente), a não preferência é ainda maior, atingindo o pico entre os evangélicos⁹ (71,1%), mas se estendendo por todos os outros segmentos. O Partido Socialismo e Liberdade (Psol),

⁹ Desconsiderando o índice de 80,8% daqueles que não possuem filiação religiosa e nem preferência partidária e o grupo outros.

vinculado institucionalmente ao MTST e que possui ainda o elo em ter um candidato a maior prefeitura da América Latina pelo partido o Coordenador Geral do movimento (Guilherme Boulos), não apresenta força política expressiva entre os assentados de Uberlândia. Apenas 2 das 205 pessoas entrevistadas preferem o Psol, e ambas são evangélicas. O Partido Liberal (PL) de Jair Bolsonaro, aparece como preferência de 1,5% dos respondentes, totalizando 3 pessoas. A não preferência pode nos indicar quadros de esvaziamento da força política dos partidos, insatisfação dos eleitores com as lideranças políticas que estão em cena, não entendimento do que é o que representa cada um desses partidos, o que pode ser explicado pela quantidade enorme de partidos e até mesmo desinteresse por parte do público. Todas essas hipóteses serão testadas nos próximos meses, quando forem realizadas entrevistas semiestruturadas que vão confrontar esses dados com os discursos de nossos interlocutores.

Por fim, a *tabela 5* mostra as preferências dos respondentes em relação as políticas assistencialistas e temas sociais. O Survey concentra respostas de todos os grupos religiosos, mas aqui optei por um recorte que enfoca apenas católicos e evangélicos com duas finalidades: a primeira e mais importante, colocar os dois grupos lado a lado e dimensionar as aspirações mais ou menos progressistas que podemos perceber nas respostas, as opiniões relativas a questões morais como casamentos homoafetivos, liberação da maconha e armas. Isso porque esses tópicos geralmente representam disputas de discursos no espaço público entre candidatos, lideranças e atores sociais que reivindicam pautas e lugares a partir da defesa ou negativa em relação a esses temas destacados. A segunda diz respeito apenas a estética e forma do trabalho, uma vez que a tabela original não caberia aqui por ser extensa e muito detalhada. Mas esta poderá ser encontrada na dissertação de mestrado, em momento posterior.

*Tabela 5*¹⁰

Políticas defendidas	Católicos	Evangélicos
BF	0	1
BF; MCMV	8	9

¹⁰ Significado das siglas: **BF**: Bolsa Família; **MCMV**: Minha Casa Minha Vida; **CPMS**: Casamento entre Pessoas do Mesmo Sexo; **DMUR**: Descriminalização da Maconha para Uso Recreativo; **LA**: Liberação do Uso de Armas; **PCRU**: Programa de Cotas Raciais nas Universidades; **PCSU**: Programa de Cotas Sociais nas Universidades; **NPM**: Nenhuma das Políticas Mencionadas

BF; MCMV; CPMS	1	1
BF; MCMV; CPMS; DMUR	1	1
BF; MCMV; CPMS; LA; DMUR	0	1
BF; PCRU; MCMV	0	3
BF+PCRU+MCMV+CPMS	0	1
BF; PCRU; PCSU	0	2
BF; PCRU; PCSU; MCMV	14	36
BF; PCRU; PCSU; MCMV; CPMS	24	15
BF; PCRU; PCSU; MCMV; CPMS; DMUR	15	7
BF; PCRU; PCSU; MCMV; CPMS; LA	2	1
BF; PCRU; PCSU; MCMV; CPMS; LA; DMUR	1	2
BF; PCRU; PCSU; MCMV; DMUR	4	4
BF; PCRU; PCSU; MCMV; LA	0	2
BF; PCRU; PCSU; MCMV; LA; DMUR	0	2
BF; PCSU; MCMV	1	0
BF; PCSU; MCMV; CPMS	1	0
LA	1	0

MCMV	0	4
MCMV; CPMS	1	0
MCMV; LA	0	0
NPM	1	0
PCRU; MCMV; CPMS	0	1

PCRU; PCSU	1	0
PCRU; PCSU; MCMV	1	0
PCRU; PCSU; MCMV; CPMS	1	0
PCRU; PCSU; MCMV; CPMS; LA; DMUR	0	0
PCRU; PCSU; MCMV; LA	0	1
PCSU; MCMV	0	1
Total	78	97

Fonte: Elaboração própria via Survey aplicado

Os dois grupos estão bastante concentrados no apoio a programas sociais como Bolsa Família (BF) e Minha Casa Minha Vida (MCMV). No caso específico de políticas socioeconômicas isoladas, como o *Bolsa Família* e o *Minha Casa Minha Vida*, há uma equivalência nas respostas entre católicos (14 pessoas) e evangélicos (36 pessoas), com uma prevalência considerável deste último grupo. Há também uma tendência de apoio nas cotas universitárias, ainda que dados de nossa pesquisa indiquem uma baixa escolarização das pessoas e de seus familiares, o que pode evidenciar um caráter mais social e uma visão coletiva da importância de se penetrar esses espaços educacionais, ainda que individualmente eles não tenham tido esse direito atendido. Há um apoio relativamente maior entre os evangélicos à combinação de cotas raciais e sociais em comparação aos católicos, sugerindo que esses indivíduos têm uma maior disposição para aderir a políticas redistributivas focadas em equidade educacional.

O Casamento entre Pessoas do Mesmo Sexo (CPMS): Há apoio nos dois grupos, embora os católicos mostrem um apoio maior (24 pessoas) em relação aos evangélicos (15 pessoas), o que pode ser interpretado pela maneira como parte dos evangélicos interpretam a bíblia e suas passagens referente ao pecado em se casar/deitar com alguém do mesmo sexo. Sobre a Descriminalização da Maconha para Uso Recreativo (DMUR): O apoio à descriminalização da maconha é mais acentuado entre os católicos (15) do que entre os evangélicos (7). Já a Liberação do Uso de Armas (LA) apresenta uma adesão mínima, católicos (2 pessoas), enquanto entre os evangélicos apenas 1 respondeu apoiar. Ainda que alguns candidatos, partidos ou movimentos políticos se apropriarem dessa pauta, ela ainda não encontra grande apoio entre as populações cristãs periféricas, pelo que indica nossos dados.

A análise parcial sugere que ambos os grupos religiosos tendem a apoiar em grande parte políticas assistencialistas focadas no combate à pobreza, como *Bolsa Família* e *Minha Casa Minha Vida*, o que em geral faz sentido visto que se encontram num contexto de vulnerabilidade e que requer apoio assistencial por parte do Governo. No entanto, quando se trata de pautas progressistas, como o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a descriminalização da maconha, os católicos tendem a mostrar uma maior diversidade de opiniões, enquanto os evangélicos apresentam-se mais conservadores. É possível dizer, parcialmente que as divisões entre opiniões exprimem um cenário complexo, no qual as filiações religiosas atuam, mas não definem totalmente, as preferências políticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa ainda se encontra em desenvolvimento, com previsão de conclusão em março/2026. Até o momento os dados coletados através de Survey, mesmo que provisórios, já nos indicam questões importantes relacionadas a nossas perguntas de pesquisa. Os dados referentes a filiação religiosa que demonstram uma pequena maioria dos evangélicos em relação aos católicos, especialmente entre mulheres negras e pardas, e grupos de menor renda, nos mostra como realmente esse contingente religioso cresce e se estabelece em todos os lugares sociais, mesmo naqueles onde historicamente a presença católica e de matrizes marxistas estiveram mais assentadas, como são os movimentos sociais. E ainda, como mesmo nesse lugar marcado justamente pelo discurso político mais à esquerda e progressista, isso não necessariamente se reflete nas preferências partidárias de seus ocupantes, que expressam pouca afinidade com o partido político que está vinculado (Psol) e uma não-preferência muito expressiva entre todos os grupos religiosos. E ainda, como a adesão ou recusa a determinadas políticas é muitas vezes reflexo parcial da experiência teológica que as pessoas carregam cotidianamente, como nos sugere a última tabela. Esses resultados vão ainda se somar com entrevistas que serão realizadas no segundo semestre de 2024, que colocarão as pessoas numa posição mais protagonista, podendo revelar a partir de si e de suas falas, suas impressões sobre os mais variados aspectos relativos à sua vivência dentro da ocupação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 05 de maio 2024.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2021 (acumulado de quintas visitas).

FELTRAN, Gabriel de Santis. *Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo*. [s.n.], 2008, p. 36-43. Acesso em: 05 de abr 2024

MTST. Quem somos? Disponível em: <<https://mtst.org/quem-somos/o-mtst>>

Acesso em: 11 de ago 2024.

RIBEIRO, Demétrio. A cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 jan. 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>. Acesso em: 5 jul 2024.

SCHARGEL, Sergio. Nicolau, Jairo. 2020. O Brasil dobrou à direita: Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Rio de Janeiro: Zahar. 141 p. Anuário Antropológico, [S. l.], v. 48, n. 3, p. 196–199, 2023. DOI: 10.4000/aa.11463. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/52040>. Acesso em: 17 ago 2024.

SIMÕES, Carolina. Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 jan. 2020. Poder. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>. Acesso em: 03 de jul 2024.

TOSTES, Angela. Onde estão os evangélicos progressistas? 28 de jul. 2021; Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/onde-estao-os-evangelicos-progressistas/>

Acesso em: 12 de jul 2024.

TRABUCO, Zózimo. *À direita de Deus, à esquerda do povo: protestantismos, esquerdas e minorias (1974-1994)*. São Paulo: Saga Editora, 2016. 620 p.

Weber, Max. *A objetividade do conhecimento nas ciências sociais*. In: ROSENBERG, Alexander; LITTLE, Daniel. *Teoria e metodologia em ciências sociais*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 29.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: O conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo ainda não está disponível ao público.

FINANCIAMENTO: O presente trabalho é realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS: Texto de autoria individual.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: A autora declara que não há conflito de interesses.

MINIBIOGRAFIAS DOS/DAS AUTORAS DO PAPER Julia Cabral Pires é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (2023) e graduada Licenciatura/Bacharelado em Ciências Sociais pela mesma universidade.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.